

# Migração Brasil - Japão: estratégias de sobrevivência cultural

*Lili Kawamura\**

## 1 INTRODUÇÃO

De fins dos anos 1980, as denominadas novas migrações internacionais, com o “boom” econômico dos países desenvolvidos, passam a compor o cenário mundial, como as migrações de latino-americanos (mexicanos e brasileiros) para os Estados Unidos, de brasileiros e peruanos (em menor proporção) para o Japão e africanos, sudeste-asiáticos e latino-americanos para países europeus, como Alemanha, Inglaterra, França, Espanha e Portugal, dentre outros. A intensificação desse processo, com novos migrantes e refugiados para várias partes do mundo, aponta para a crescente movimentação internacional de pessoas por motivos econômicos, políticos, religiosos, violência etc., em sua maioria gerados pela globalização, avanço das novas tecnologias e exclusão social. A presente migração internacional vem chamando a atenção de governantes e da população dos países de destino, com levas e levas de refugiados e movimentação de migrantes por vários motivos e para todos os lugares. Essa dinâmica chega ao nível político, com propostas crescentes de cerceamento da entrada de migrantes em países com mercados atraentes, em vista das crises mundiais e da pressão da população local, com o apoio de governos, atualmente cada vez mais autoritários. Estados Unidos da América - EUA, países europeus como Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha, tradicionais receptores de migrantes passam a adotar medidas de contenção imigratória, sendo seguidos por outros países, principalmente sob governos autoritários, crescentes no atual contexto mundial.

Nos anos 1980 e 1990, EUA, países europeus e o Japão abriram suas fronteiras para trabalhadores estrangeiros, para atender seus interesses de mercado. Japão, como potência tecnológica mundial, com necessidade premente de mão-de-obra, a partir do final dos anos 1980, busca descendentes de japoneses fora do país (*Nikkei*), o que evitaria a diversidade étnica e cultural da sociedade

---

\* *Doutora em Sociologia - USP; Pós-Doutorado- Universidade de Nagoya / Japón; Livre docência - Unicamp; Foi Professora Associada Unicamp; Profa visitante de la Univ. de Tsukuba y Univ. Tenri (Japão); Profa. Colaboradora da Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto (Japão); Atual Pesquisadora sobre Migrações Internacionais*

nipônica, além de favorecer maior integração, com a equivocada ideia de que os *Nikkei* portariam a tradicional cultura nipônica. Tanto os empregadores japoneses quanto os trabalhadores brasileiros ou peruanos eram movidos basicamente por objetivos econômicos. No entanto, as questões que se apresentam nas relações entre japoneses e migrantes fundamentam-se basicamente nas diferenças culturais.

Quem eram os *Nikkei*, primeiros migrantes entre a América Latina e o Japão? Esse grupo foi duplamente homogeneizado. No país de origem, os descendentes eram avaliados, mesmo que integrados na sociedade, por seu fenótipo, sendo identificados como “japoneses”. Em outros países latino-americanos eram identificados como chineses ou coreanos, conforme a maioria no local. Essa situação expressa o desconhecimento cultural dos países de origem dos descendentes, bem como o histórico preconceito e discriminação contra as pessoas não originárias da Europa, em decorrência das antigas políticas de branqueamento da população pelas elites e governos, contra a presença dos africanos escravizados no país e de imigrantes asiáticos (DEZEM, 2005; TAKEUCHI, 2002). De sua parte, os antigos imigrantes japoneses na América Latina, em particular no Brasil, também se distanciavam do entorno, preservando sua tradição, com vistas ao retorno breve e discriminando os locais como “*gaijin*” (estrangeiros), o que manifesta a sua efetiva condição social deslocada no país. No Japão, mesmo com fenótipo similar, *Nikkei* significava “*gaijin*” (estrangeiro), especialmente pela origem fora do país e pela acentuada diferença cultural. Essa dupla homogeneização colocava a maioria migrante com problema de identidade. No Brasil era chamado de “japonês” e no Japão onde esperava realmente ser “japonês” era tratado como estrangeiro, brasileiro, enfim, “*gaijin*”.

A atual dinâmica migratória mundial coloca lado a lado portadores de padrões culturais muito diferentes gerando encontros e desencontros sociais e culturais, tanto nos lugares de destino quanto nos de saída, o que depende da maior ou menor abertura ao processo migratório nesses lugares. Nos dias atuais, a tendência “nacionalista” dos países que historicamente recebiam migrantes, cerrando ou dificultando a entrada de trabalhadores e moradores estrangeiros, principalmente refugiados, conduzem ao agravamento dos desencontros e tensões decorrentes. Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália e Japão, por exemplo, colocam obstáculos cada vez mais rígidos para a imigração. O desenvolvimento da migração enquanto processo histórico não ocorre de modo linear senão contraditoriamente. As crises econômico-financeiras e políticas internacionais e nacionais, em especial após 2008 e, no Japão, o tsunami e o desastre nuclear, com a generalizada diminuição de oportunidades de trabalho e de acesso aos bens materiais e culturais contribuíram para a adesão das populações locais às políticas de fechamento a imigrantes. O retorno em massa dos migrantes para seus países de origem, diminuem drasticamente a proporção

de migrantes brasileiros no Japão, que de mais de 300.000 na década de 90 passa a menos que 180.000, a partir de 2008, ocupando a quarta posição dentre os estrangeiros no Japão, precedidos por chineses, coreanos e filipinos, apesar do aumento dos brasileiros com visto permanente.

Brasileiros e outros grupos da América Latina passam a enfrentar o problema da rejeição de sua entrada em outros países e, contraditoriamente, a defesa do fechamento para a imigração de estrangeiros para seus países, como a atual onda migratória de venezuelanos e outros latino-americanos para o Brasil, Colômbia, Peru, Equador, México, Chile, Panamá e Argentina. Em momentos de expansão econômica e social, principalmente por países com falta de mão-de-obra por vários motivos, inclusive diminuição da população jovem e ativa, acelera a demanda de trabalhadores estrangeiros, como ocorre atualmente, com a recuperação do Japão, a despeito das profundas diferenças culturais.

## 2 ENCONTROS E DESENCONTROS CULTURAIS

Cultura é entendida aqui genericamente como modos de pensar, sentir e agir, que se transformam histórica e contraditoriamente movendo pessoas, grupos e multidões. Ao contrário de uma abstração fixa no tempo e no espaço, dinamizam os processos produzidos, em momentos de transformação histórica, na articulação de diferenças culturais que incluem os hibridismos culturais (BHABHA, 1998). Nessa abordagem, encontros e desencontros culturais se expressam em níveis de profundidade variados e de forma contraditória conforme a inserção social dos estrangeiros nos diferentes estratos e classes sociais.

Os migrantes levam ao Japão um *background* cultural complexo, sem aquela equivocada visão cultural homogênea e estática dos empregadores no país julgando que facilitariam a inserção no trabalho e na sociedade. Contraria também a visão distorcida no Brasil sobre a homogeneidade da população *Nikkei* no país, quando os descendentes são geralmente identificados como japoneses, com base apenas no fenótipo. A heterogeneidade manifesta-se não só fisicamente, com o crescimento da mestiçagem, mas cultural e socialmente. Atualmente essa diversidade se faz presente na migração para o Japão.

A principal especificidade da atual migração para o Japão está na exigência da ascendência japonesa, com a equivocada ideia do Japão de que as comunidades nipônicas no exterior seriam guardiãs da tradicional cultura do país. O foco do Japão na população *Nikkei* (descendentes de japoneses nascidos no exterior) do Brasil, onde se encontra o maior contingente, seguido de longe por Peru, em fins dos anos 1980 e início de 1990, desencadeou medidas migratórias que facilitariam a migração de brasileiros com ascendência nipônica para aquele país, inclusive com mudanças nas leis da Imigração japonesa.

O processo migratório dependia dos intermediários (empreiteiras) para as providências documentais, para inserção no trabalho e na moradia. Inclusive, as empresas exigiam a inserção de trabalhadores estrangeiros via empreiteiras, no sistema de terceirização que atinge também trabalhadores japoneses, para as empresas se desincumbirem dos encargos trabalhistas. No início, migrantes *Nikkei* se sentiam isolados e espalhados entre os moradores locais, que os discriminavam por preconceito ao desconhecido e pela situação desfavorável como trabalhador braçal em funções desprezadas pelos japoneses, apesar da semelhança física. Nessa época, as novas tecnologias da comunicação eram incipientes, o que reforçava a solidão dos migrantes, que buscavam reunir-se com seus patrícios, mesmo que esporadicamente, recebendo notícias do Brasil através de revistas ou jornais que passavam de mão em mão. Os encontros entre eles incomodavam os vizinhos japoneses que não aceitavam as manifestações dos *Nikkei* brasileiros, peruanos e outros latino-americanos, como falar em voz alta à noite em grupos, ouvir música em alto som, e expressar emoções como abraçar e beijar em público. Nessas ocasiões, ocorriam manifestações hostis de ambas as partes, com a solicitação policial pelos locais, decorrentes principalmente do estranhamento cultural entre si, chegando a agressões físicas e verbais.

Na época, a sociedade japonesa apresentava sinais de fechamento social e cultural, especialmente em cidades interioranas, evitando contatos com estrangeiros, especialmente quando estes chegavam em levadas para ocupar funções rejeitadas pelos trabalhadores japoneses, como acontecia com a quase totalidade dos migrantes latino-americanos. O fechamento do povo nipônico, que muitos alegam ao fator da localização geográfica, fundamenta-se, principalmente, na herança dos valores implementados na época do Japão imperialista, como povo guerreiro e superior que merecia dominar a Ásia e posteriormente outras regiões. Essa visão esteve presente nos imigrantes japoneses no Brasil, antes e durante a II Guerra Mundial, de forma tão acirrada, que, quando o Japão perdeu a Guerra, houve manifestações violentas dentre os próprios imigrantes, em defesa dos valores e invencibilidade do país por defensores do Japão Potência contra os denominados derrotistas, que aceitaram a realidade da perda. Desde a entrada no Brasil e outros países latino-americanos, os imigrantes procuravam manter seus valores, padrões de conduta, idioma, escolarização, religião e alimentação, com o intuito de regressar ao Japão, na medida em que se consideravam pertencer a um povo superior. No Brasil, Peru e outros países da América Latina, os imigrantes japoneses consideravam os moradores locais como “*gaijin*” (estrangeiro) e tendiam a se agrupar em comunidades, prática que persiste até hoje em algumas regiões, como Yuba (comunidade exclusiva de imigrantes japoneses e descendentes, seguindo regras da tradição nipônica), Biritiba Mirim em Mogi das Cruzes e locais da cidade de Promissão, todos no estado de São Paulo.

A segregação se baseia tanto na tendência de agrupamento dos imigrantes quanto no distanciamento da população local, além do mútuo preconceito e discriminação de ambas as partes. A população brasileira e outros latino-americanos herdaram a valorização do branqueamento da população, pregando a inferioridade étnica dos povos de origem não europeia. Para ambas as partes o “outro” desconhecido e diferente compreende uma incógnita do “mal”, que deve ser evitado, para não “contaminar” o seu grupo, o que leva ao contínuo distanciamento e até a hostilidade, que transpareceram no período da II Guerra Mundial. De modo geral, atualmente, a herança cultural do *Nikkei* brasileiro expressa uma dupla influência: a tradicional cultura japonesa dos imigrantes e a formação cultural dentro da sociedade brasileira, na medida de sua inserção em instituições sociais, culturais e políticas.

Apesar das mudanças históricas no sentido da convivência em diferentes setores da sociedade, com maior integração social e cultural, hoje ainda permanecem resquícios do preconceito e discriminação, de ambas as partes. Os descendentes dos imigrantes, por mais integrados social e culturalmente são identificados, pela população local, como “japoneses” com base exclusivamente no fenótipo. De sua parte, parcelas consideráveis de descendentes passam a se sentir japoneses no Brasil, especialmente os que mantêm uma elevada influência cultural e convivência grupal através de associações representativas e grupos específicos relacionados com a moderna cultura pop japonesa, como “cosplay”, “mangá” e “animés”. (LUYTEN, 2005; SATO, 2007; KAWAMURA, 2016).

Na atual migração para o Japão, os migrantes *Nikkei* mantêm a esperança de serem considerados japoneses, o que não acontece, mesmo falando o idioma. As palavras ultrapassadas e os caracteres comportamentais e de expressão corporal, associados com aspectos culturais tradicionais internalizados no Brasil, mediante a influência dos ancestrais imigrantes, colocam o *Nikkei* como “*gaijin*” (estrangeiros) aos olhos da atual população nipônica. Ademais, pela própria legislação, que fundamenta a nacionalidade por herança de sangue, os estrangeiros nascidos no país são registrados conforme a origem dos pais, como os coreanos e chineses há várias gerações no país.

Historicamente, a migração brasileira, peruana e de outros latino-americanos para o Japão, deveu-se a necessidade do mercado de trabalho no país e não com o intuito de reintegração de descendentes dos seus antigos emigrantes. Desse modo, apesar da migração ter se iniciado em fins dos anos 1980, há cerca de 40 anos e apesar da permanência de famílias migrantes no país, para no ar a possibilidade de os trabalhadores serem descartáveis, principalmente em períodos de crises e dificuldades nos países de destino. Como mencionamos antes, a precária contratação terceirizada através de empreiteiras facilita o descarte rápido. Hoje, com o fácil acesso às novas tecnologias de comunicação e a vivência digital como parte cotidiana da vida, as relações sociais de modo

geral, fragilizadas no mundo atual, passam a ser definidas através desse meio (BAUMAN, 2011).

A forte diferença cultural provocou desentendimentos e conflitos em diversos setores de vivência dos migrantes. No trabalho, onde o processo é rígido, os brasileiros julgavam poder “dar um jeitinho” e conseguir os mesmos resultados; na moradia, ao manter costumes adotados no Brasil, como conversar em grupo em voz alta na rua, ouvir som em volume elevado, abraçar e beijar em público e não dispor corretamente o lixo de acordo com as rígidas regras do país, eram motivos de desavenças. O mesmo ocorria nas escolas, desentendimentos entre alunos migrantes, seus pais e escolas, por falta de material escolar, lição de casa, corte de cabelo, etc., além do “*ijime*”, (*bullying*), prática comum contra estudantes “diferentes”, mesmo patrícios. Confrontos também ocorriam em lojas de consumo, por desentendimentos culturais e assim por diante.

Nesses 40 anos da migração, ao lado de desencontros culturais, com o impacto das diferenças, foram criadas medidas governamentais e não governamentais com o objetivo de amenizar os conflitos e adaptar os imigrantes ao trabalho, à moradia, à escola e a outros setores por eles frequentados. A introdução de atividades de intermediação dos migrantes brasileiros orientava-se no sentido de incentivos a “japonização” e instalação de meios de facilitar a comunicabilidade entre eles e os japoneses nos locais de trabalho, de escolarização e no mercado de consumo (KAWAMURA, 2003). Assim, surgem “assessores” em escolas japonesas intermediando a escola, os estudantes e famílias. Além disso, setores comerciais japoneses e algumas instituições públicas passam, gradativamente, a colocar indicações e orientações em língua portuguesa e espanhola. As associações culturais introduzem atividades específicas para os migrantes brasileiros e peruanos, buscando sua inserção em atividades culturais locais. De modo geral, o entorno japonês valoriza os migrantes que apresentavam resultados positivos mediante a “japonização”. Esse processo ocorreu facilmente com crianças e jovens nascidos no Japão e escolarizados no sistema educacional do país, o que provocou desencontros culturais entre pais migrantes e seus filhos, destacando uma nova forma de questionamento de identidade. Anteriormente, os migrantes adultos *Nikkei* aceitavam a identidade japonesa, julgando que seriam tratados como tal no Japão. Ao serem considerados brasileiros ou estrangeiros (*gaijin*), os migrantes entravam em crise de identidade. Se no Brasil eram denominados japoneses e no Japão eram chamados de “*gaijin*”, “qual sua identidade?” Já os jovens e crianças nascidas no Japão manifestam a questão “ser ou não ser japonês?” sentindo-se verdadeiramente um japonês, imbuídos da atual cultura nipônica, no entanto, sem aceitação de sua cidadania japonesa.

**Foto 1:** Adolescentes e jovens “japoneses” posam para foto no Japão



Foto da autora

De sua parte, os migrantes desenvolveram uma convivência mútua formando núcleos, localizados inicialmente perto das empresas empregadoras, como cidades de Oizumi, com o agrupamento denominado “Brazilian City (YOKOYAMA, et al (1997); Hamamatsu, com elevado contingente de brasileiros; Toyota (“Homidanchi”); Toyohashi e Kanagawa. Hoje os núcleos de brasileiros estão espalhados por quase todo o país. Os locais de vivência coletiva constituem-se, além de moradias, de abastecimento e convivência de acordo com os padrões próprios, como supermercados, restaurantes, “fitness”, serviços e escolas com conteúdos escolares do Brasil, evidentemente com influências culturais japonesas. A infraestrutura dos núcleos vem atraindo os novos migrantes que já contam com um espaço onde podem extravasar os padrões de comportamento trazidos do Brasil, sem problemas, na medida em que os migrantes vivem isolados da sociedade japonesa. Os núcleos representam o papel dos grandes centros de diversão dos países altamente organizados como o Japão, Estados Unidos, Inglaterra, França, etc., que se espalham pelo mundo, onde as pessoas precisam se liberar para fugir do estresse cotidiano, como “Playcenters”, grandes shows musicais, bares, etc. (FEATHERSTONE, 1995). A integração dos migrantes brasileiros entre si, buscando uma autossuficiência em sua vivência, provoca um hiato dos núcleos com o entorno social japonês. Esse distanciamento favorece o fortalecimento dos padrões de conduta dos migrantes em detrimento da integração a sociedade local, bem como vem diminuindo os desencontros sociais entre brasileiros e japoneses.

Interessante notar a ocorrência das principais festividades e costumes da culinária, esporte e diversão adotados por migrantes no Japão, mesmo que anteriormente não participassem ativamente das festividades folclóricas

(carnaval, festas juninas, etc.), como manifestação da “brasilidade” ou “amor à pátria”. O mesmo ocorre com a alimentação (feijoada, churrasco), a música (samba, sertaneja), dança, futebol dentre outras atividades. Na antiga migração dos japoneses para o Brasil, também foram incentivadas as festividades e comemorações do Japão, com o objetivo de educar os descendentes na tradição do país e retornar como verdadeiros japoneses (HANDA, 1980). Em geral, a migração traz à tona uma nostalgia de sua vivência “romantizada” no país de origem. Na atual migração de brasileiros para o Japão, com idas e vindas contínuas, diferentemente da imigração dos ancestrais para o Brasil, o sentimento nostálgico de sua vivência anterior pode repetir-se em relação a um ou outro país deixado para trás, ora o Japão, ora o Brasil, o que não acontecia com a antiga migração de japoneses ao Brasil, imbuídos do nacionalismo beirando o fanatismo, principalmente no período da II Guerra Mundial.

Apesar do hiato entre os núcleos brasileiros, e peruanos e a sociedade japonesa, esse segmento se insere no mercado japonês não apenas como fornecedora de trabalhadores, mas também como objeto exótico para turismo. No presente, os núcleos brasileiros e as atividades folclóricas brasileiras no Japão passam a ser elementos exóticos e constam de roteiros turísticos para japoneses e outros estrangeiros.

**Foto 2:** *Imigrantes brasileiros descendentes de japoneses apresentam atividades culturais no Japão.*



Foto da autora

Mesmo com fenótipo semelhante, os migrantes brasileiros e peruanos e outros latino-americanos, em vista do modo específico de conduta e valores bem diferentes dos padrões locais, e por serem encaminhados para funções que os trabalhadores locais rejeitam, sofrem preconceito e discriminação pela população japonesa, nos locais do trabalho, escola e outros locais frequentados por japoneses,

gerando desentendimentos e conflitos. Os espaços próprios constituem-se em redutos de expressão dos costumes e atividades relativas a origem dos migrantes, além da possibilidade de acesso aos produtos e serviços do país de origem, sem necessidade de mudar profundamente seus hábitos. Isso não significa uma total integração e entendimento entre si, mas significa uma perspectiva de apoio e comunicabilidade em vários pontos do país, diferentemente dos períodos iniciais da migração, com a vivência individual entre a população japonesa local, com os desencontros que mencionamos anteriormente, quando os brasileiros eram seguidos por seguranças nos supermercados ou lojas de conveniência e ter que enfrentar a polícia chamada pelos vizinhos por conversas em voz alta nas ruas durante a noite. O “outro” desconhecido representa não só o diferente, mas o mal que perturba a tranquilidade dos moradores e assim sucessivamente. Também o “outro” na ótica dos migrantes significa o opressor, com caráter frio, preconceituoso e discriminador. Ambos os lados se avaliam mutuamente de acordo com os respectivos padrões culturais neles internalizados. Quanto mais acentuada a diferença cultural mais forte o preconceito e a discriminação.

O distanciamento entre os imigrantes e a população local decorre da aglutinação dos migrantes em espaços próprios, mas também pela não comunicabilidade, por desconhecimento do idioma, dos valores e padrões de conduta. Além disso, a maioria dos migrantes brasileiros, peruanos e demais latino-americanos colocam-se arredios à “japonização”, com exceção das famílias que desejam a permanência no país ou que tenham filhos nascidos ou criados no Japão, com formação cultural e escolar nos padrões educacionais do país. É interessante observar que mesmo culturalmente integrados, como o caso dos coreanos e chineses, com várias gerações nascidas no país, estes não são considerados cidadãos japoneses, mas sim identificados como coreanos e chineses.

Atualmente, a experiência conjunta de 40 anos possibilitou a população local aceitar a presença dos migrantes latino-americanos, cada vez mais diversificada, com a presença crescente de mestiços e não descendentes de japoneses, além dos jovens e crianças nascidas e criadas desde tenra idade na cultura japonesa, sem considerar os demais migrantes do sudeste asiático (Filipinas, Tailândia, Coreia, China, Bangladesh e outros) (KOMAI, 1995). A diversificação étnica e cultural no país e a inserção mundial da população japonesa através das novas tecnologias permite ao Japão sair da redoma cultural e social. Contudo, não significa o fim do preconceito e da discriminação com o “diferente”, especialmente a presença que incomoda ou se situe em funções tradicionalmente rejeitadas pela população. Tradicionalmente os próprios japoneses eram socialmente segregados por exercerem atividades desvalorizadas como açougueiro, coveiro, lixeiro e afins.

Apesar da convivência distanciada entre migrantes e a população local, surgem medidas de aproximação, pois tanto japoneses quanto brasileiros buscam

atividades que sugerem contatos, como cursos de língua e cultura brasileira, danças, esportes (artes marciais e futebol), culinária, sem, no entanto, significar total integração e assimilação. Escolas japonesas buscam incluir o idioma e elementos culturais dos migrantes e escolas brasileiras adotam o ensino do idioma e aspectos culturais locais. Se na migração inicial o sistema educacional procurava reforçar a “japonização” dos estudantes migrantes, atualmente há, por exemplo, esforços em busca de conhecimento do sistema educacional brasileiro, com grupos de educadores em visita a escolas no Brasil. De sua parte migrantes brasileiros, como peruanos e outros latino-americanos, por trabalharem em grande maioria em empresas e serviços japoneses, incorporam influências culturais em suas atividades no trabalho, na moradia, no lazer, no consumo tecnológico, nos *animés*, mangás, músicas e danças. Contudo, nem os japoneses se tornam culturalmente brasileiros ou latino-americanos e nem os migrantes se transformam em japoneses. As mudanças, muitas vezes independentes das vontades individuais e coletivas, significam estratégias de sobrevivência social e cultural de migrantes no meio desconhecido.

### 3 IDENTIDADES, NOVAS FORMAS CULTURAIS E PERMANÊNCIA TRANSITÓRIA

As migrações de brasileiros para o Japão colocam de modo compulsório grupos culturalmente diferentes vivendo, lado a lado, sob os rígidos padrões culturais do país. Os migrantes carregam consigo valores, costumes, condutas de sua vivência anterior, de modo diferenciado conforme as variedades de influências recebidas no país de origem. Não consiste simplesmente na dicotomia entre migrante e a população local, em vista da complexidade cultural dinâmica entre os integrantes de cada grupo social (CANCLINI, 1998) e suas influências mútuas.

No Japão, os núcleos de vivência de migrantes brasileiros, que se expandiram a partir de meados da década 90, funcionam como locais de encontros, reunião e pontos ligados em redes, por onde transitam os migrantes brasileiros ou outros latino-americanos, mesmo desconhecendo o idioma e os costumes do país. Na maioria das vezes, os locais de vivência foram designados compulsoriamente por empreiteiras contratantes. Outras vezes, a escolha dependeu do baixo custo ou pela presença de grupos patrícios nos locais. No início os migrantes viviam dispersos entre a população local, com a qual mantinham apenas relações de trabalho, consumo e de tramitação burocrática, com dificuldades de contato com o Brasil, por ainda não disporem das facilidades da atual tecnologia de comunicação. Apesar do fenótipo semelhante, os migrantes brasileiros eram socialmente invisíveis, por ocuparem posições nos estratos inferiores da sociedade, sofrendo preconceito e discriminação social. O “outro” desconhecido

passa a significar o mal e a ameaça aos interesses da sociedade de destino, quanto mais distante, estranho e ameaçador se lhes pareçam. Tal contexto deixa propício o desenvolvimento de relações sociais ambíguas, contraditórias e conflituosas. (BOURDIEU, 2004) O desconhecimento e a equivocada imagem mútua entre os imigrantes e a população, a ocupação da maioria em funções rejeitadas pelos nativos e o recíproco preconceito e discriminação, contribuíram para o (auto)confinamento dos brasileiros no Japão. Essa situação repercutiu fortemente na (re)construção dinâmica e complexa da identidade dos migrantes.

Ao entrar no Japão, os migrantes brasileiros, inclusive mestiços, levam suas identidades com base na diversidade étnica e cultural que depende de suas origens, e de sua formação cultural e escolar. Basicamente consideramos três vertentes na formação do Nikkei e “hafu” (mestiço), que se manifestam combinadamente sob variadas formas em suas identidades, quais sejam, 1) a tradição dos ancestrais imigrantes japoneses, 2) a influência cultural local de procedência e 3) a cultura global, em particular a atual cultura pop nipônica associada com a experiência posterior na vivência como migrante no Japão.

Os migrantes eram duplamente homogeneizados. Identificados como japoneses no Brasil, apesar do processo de integração pós-II Guerra, quando os japoneses não tiveram outra opção senão permanecer no Brasil e das novas gerações terem assumidos posições sociais destacadas no país como brasileiros. Ademais, por influências japonesas familiares, de associações nipo-brasileiras e afins, os migrantes esperavam ser considerados patricios da população nipônica, uma vez que também assumiam as “japonesidades” adquiridas no Brasil. No entanto, ao contrário, a tradição nipônica arcaica dos migrantes era muito diferente da cultura do Japão atual. Assim, os migrantes eram tratados uniformemente como “gaijin” (estrangeiro). Por outro lado, no Japão, os migrantes estavam sujeitos ao processo de “niponização” adotado nos diversos setores com o intuito da integração aos atuais parâmetros culturais básicos do país. Desde o início, a prática empresarial e governamental japonesa, pela urgência de mão-de-obra, foi adotar meios para a japonização dos migrantes, através de regras de convivência, cursos de aprimoramento para o trabalho, orientação escolar aos alunos e pais, aplicação de penalidades por desobediência às regras de conduta em lugares público como, trocar sapatos por chinelos para caminhar no interior de determinados ambientes, rigor no despejo seletivo do lixo, expressar cumprimentos e agradecimentos com reverência física, participar da limpeza coletiva dos ambientes de estudo, trabalho e locais públicos. As regras compulsórias eram filtradas pela ótica cultural dos migrantes, sendo ou não incorporadas ou amalgamadas aos seus próprios padrões de conduta e valores.

A complexidade cultural e de vivência não significa, entretanto, que a cultura tradicional trazida pelos migrantes tenha sido totalmente diluída nesse emaranhado. Pelo contrário, ela se mantém sob dois aspectos importantes.

Um deles se refere a existência de comunidades remanescentes de grupos descendentes de imigrantes que se isolaram para viver no Brasil de acordo com a tradição nipônica, cujo acesso exige a anuência das pessoas influentes e dirigentes do local, como as comunidades no estado de São Paulo, denominadas Yuba e Biritiba Mirim ( Mogi das Cruzes), Bastos e Promissão, dentre outras, antigos fortes redutos da tradição japonesa. Cabe lembrar aqui o forte nacionalismo no período da II Guerra Mundial, quando imigrantes e descendentes com o ideário do Japão Imperialista, lutavam entre si por alguns não aceitarem a derrota do Japão. (“Katigume” e “Makegume”) (MITA,1999).

**Foto 3:** Família de antigos imigrantes japoneses ceando à mesa no quintal de uma casa na área rural



Fonte: S/I

Outro aspecto é a adoção da tradição japonesa, reformulada nos personagens dos *mangás*, *animês*, brinquedos, atitudes de jovens que se fantasiam assumindo os personagens e concursos de “*cosplay*”. O interesse dos brasileiros, descendentes ou não, sobre a moderna cultura internacional japonesa, enquanto admiradores do Japão potência, faz reviver artes tradicionais, como *origami*, *ikebana*, *sumiê* e desenhos de personagens de *mangás* e *animês*, muitos deles originários da tradicional cultura japonesa, além da busca por aprender o idioma ainda no país de origem. Esses caracteres tradicionais persistem nos descendentes de japoneses apesar da internalização compulsória da cultura local no Brasil, através da escola, do trabalho, do convívio e inserção familiar através de casamentos e outras formas de relacionamento com grupos não *Nikkei*, principalmente após os anos 1960, com o *boom* da escolarização universitária.

Os migrantes no Japão compreendem um importante segmento *Nikkei* criado no Brasil, a partir do início dos anos 1990, com a mencionada experiência cultural “sui generis”. Nos 40 anos de experiência na sociedade japonesa, crescente parcela dos migrantes internalizou novos aspectos culturais ao enfrentar os desafios de convivência compulsória com o entorno totalmente diferente da sua bagagem cultural. Desenvolveram seus próprios costumes, pensamentos e sentimentos, formando núcleos de vivência parcialmente integrados, mas não assimilados pela sociedade local. A imersão, mesmo precária, do migrante brasileiro e outros latino-americanos no moderno contexto cultural do Japão, traz novos aspectos culturais decorrentes da construção de novas maneira de viver naquele país. As novas formas culturais criadas vinculam-se a (re)construção da identidade, nem japonesa, nem brasileira, nem peruana ou outra nacionalidade latino-americana, com uma convivência contraditória com a sociedade local. Os migrantes adaptaram as festividades populares, a culinária, as artes (samba, danças, carnaval, festas juninas e outras), o esporte praticado no Brasil em sua vivência no Japão, com toques culturais nipônicos, constituindo-se hoje em atração turística para turistas japoneses e estrangeiros. Por mais que haja uma integração, dificilmente ocorre a assimilação em vista da vivência contraditória entre pelo menos as culturas da sociedade de origem e de destino.

**Foto 4:** *Imigrante brasileiro descendente de japonês em seu estabelecimento comercial*



Foto da autora

Os espaços brasileiros no Japão mantêm uma infraestrutura para a vivência dos migrantes e dos recém-chegados. De modo geral os núcleos brasileiros, articulados entre si, constituem-se em “oásis no deserto” para migrantes e recém-chegados e pontos exóticos com culinária, danças, músicas e festividades para o turismo no mercado japonês. A miscigenação cultural ocorre de modo diverso conforme a interação dos migrantes com a sociedade local, surgindo uma complexa e *sui generis* expressão cultural entre si, como declinar verbos da língua japonesa de acordo com a gramática do Brasil, variar a culinária brasileira com temperos locais, adotar o gestual nipônico misturado ao do país de origem, nos cumprimentos entre si, e assim sucessivamente... (HINATA, 1995). O encontro do tradicional, em sua complexidade, com o moderno diversificado cria novas formas culturais que contribuem para a (re)construção da identidade na migração, que ocorre de maneira diversificada e contraditória, conforme a diferenciação das condições de vivência, cada vez mais complexas, na longa trajetória do processo migratório (LEMOS e BARROS, 1998). O cotidiano da vida migrante está basicamente confinado em núcleos com compatriotas que vivem e e comunicam sob os mesmos códigos, nem japoneses, nem brasileiros, por eles mesmos construídos no decorrer de sua vivência no Japão.

**Foto 5:** *Fachada de estabelecimento de serviços educacionais de imigrantes brasileiros no Japão*



Foto da autora

Os brasileiros compõem os grupos “isolados, mas inseridos”, principalmente aqueles com filhos educados completamente na cultura japonesa local. Essa situação pode gerar conflitos entre gerações sob nova ótica, pais, avós e tios que não conseguem se integrar ao entorno e com os filhos e netos, estes já completamente integrados e ansiosos por serem cidadãos japoneses. Aqui

emerge uma nova abordagem da identidade dos migrantes, a dos filhos que desejam ser japoneses, mas não são legalmente considerados. Nem são brasileiros pois culturalmente são verdadeiros nipônicos, o que levanta uma nova questão de identidade na migração de brasileiros para o Japão: descendentes de imigrantes brasileiros nascidos no Japão que almejam a cidadania japonesa, mas são barrados por lei.

A diversificação familiar no sentido da japonização, com a inserção profunda na cultura local, ao lado da maior integração dos migrantes em cargos superiores no trabalho, uniões matrimoniais, além dos filhos criados e nascidos no Japão, imbuídos plenamente da cultura local, suscita nos migrantes o desejo de permanecer no país, apesar da consciência da posição temporária e descartável. Os próprios núcleos se constituem em infraestrutura para a vivência permanente desses migrantes ou retornados ou novos migrantes, mesmo com a diminuição das atividades brasileiras em épocas de crise, como ocorreu em 2008 (crise mundial) e 2012 (catástrofes devido ao tsunami e ao desastre nuclear em Fukushima). Com a crise mundial de 2008 e as catástrofes de 2012 decorrentes do tsunami e do desastre nuclear no Japão, os migrantes foram os primeiros a serem retirados do mercado de trabalho. Para tanto, o governo estabeleceu medidas de incentivo para sair do país, sem retorno imediato, tendo conseguido elevada aceitação. No retorno ao Brasil, novos encontros e desencontros, agora pelo estranhamento entre os migrantes retornados e a população brasileira, inclusive parentes, amigos e vizinhos, que os julgam diferentes, criando novas crises identitárias. Mesmo em momentos críticos, os núcleos com a redução das atividades, permanece com a infraestrutura básica, facilitando o retorno e a permanência dos migrantes no Japão.

**Foto 6:** Interior de estabelecimento comercial com vários clientes, supostamente imigrantes latino-americanos em seu interior no Japão.



Foto da autora

A permanência dos migrantes no Japão, por melhor situados nas tramitações empregatícias, não significa efetiva permanência. Através de estratégias de sobrevivência, os migrantes buscam a permanência, que, no entanto, depende de inúmeros fatores econômicos, políticos, sociais que envolvem o mercado de trabalho, a vivência, a inclusão de novos migrantes de outras nacionalidades afins com a cultura nipônica, dentre outros. Cerca de 60% dos brasileiros residentes no Japão possuem o visto que lhes dá garantia de permanência contínua no país, independentemente de sua estabilidade no trabalho, fluência na língua japonesa ou intenção de retorno ao Brasil (ISHIKAWA, 2016). Contudo, a permanência independe só da vontade ou necessidade do migrante, mas principalmente das condições locais do mercado de trabalho e da política, uma vez que é o primeiro a ser descartado em crises de emprego, por sua condição precária empregatícia em relação aos trabalhadores japoneses, que hoje estão também cada vez mais em funções precarizadas. Aliás, desde o início, a migração brasileira para o Japão foi considerada temporária e transitória pela própria Emenda a Lei da Imigração Japonesa (KITAGAWA, 1993)

A transitoriedade é inerente à migração uma vez que contraditoriamente a própria permanência é transitória e a transitoriedade pode ser longa dando a ideia de fixação no local presente (SAYAD, 1998; KAWAMURA, 2012). A intensa mobilidade vincula-se às condições de trabalho, vivência, escolas dos filhos, vizinhança, familiares e amigos. Mesmo empregos em empreendimentos brasileiros não conseguem enraizar os trabalhadores migrantes, que continuamente se movem para outras regiões especialmente em tempos críticos. A expectativa do migrante de ser acolhido por patrícios em várias partes do Japão e em seu país de origem, acentua a intensa mobilidade temporária. A dispersão desses migrantes reduz a possibilidade de enraizamento, o que favorece a mobilidade, temporalidade e transitoriedade.

A principal característica da migração internacional é a mobilidade de pessoas dotados de padrões de conduta, valores, sonhos e imaginário entre países, com o fim de viver em outros espaços por motivos econômicos, políticos, culturais, religiosos, familiares e violência (refugiados de guerra, terrorismo, perseguições políticas e religiosas). Nesse processo persiste a ideia de permanência transitória até a solução ou não dos problemas originários da migração. A perspectiva de vivência positiva e feliz, presente no imaginário dos migrantes, é adiada para o seu retorno para viabilizar seu modo de vida no país de origem. O desafio de enfrentar as dificuldades da volta, colocam os migrantes no mesmo dilema, levando-os a adiar novamente seus desejos, objetivos e planos de vida, que, segundo eles poderiam se realizar no país de destino, então também idealizado em seus aspectos positivos. Essa expectativa vem apresentando resultados negativos especialmente na jovem população migrante, dependente dos

anseios e práticas dos adultos , que permanecem sem a formação cultural e a escolarização prevista para o retorno a “outro lugar”, quando não se entregam à criminalidade .

No caso dos imigrantes japoneses, ancestrais dos migrantes *Nikkei*, a ideia de estada provisória, temporária e de perspectiva de retorno ao país de origem esteve fortemente presente, definindo sua vivência conforme esses parâmetros. Expressões da temporalidade foram a forte preservação do idioma, a prática das comemorações festivas e folclóricas do Japão, dos costumes (nascimento, falecimento, casamento, etc.), culinária, e religião. (HANDA,1980). Por mais que houvesse a permanência na sociedade de destino, o imaginário, por vários motivos, ficava distante do lugar presente. No entanto, o imigrante permaneceu no país de destino. As condições históricas da época impulsionaram para a permanência da maioria, pelas dificuldades de locomoção, comunicabilidade e precária situação do país de origem, com a derrota na II Guerra Mundial.

De modo geral, a transitoriedade hoje é facilitada pelas avançadas tecnologias de locomoção e comunicação adotadas pelos países de destino e de origem. Estar em trânsito se ressalta, em vista das facilidades de movimento e comunicabilidade. (MATTELART,1994; CASTELLS, 2008). Nesse contexto, o migrante pode permanecer presentemente em um lugar e, ao mesmo tempo, em outro, de maneira mais rápida e fácil. O padrão transitório do processo migratório, ao significar um parêntesis na vida migrante e o adiamento de objetivos, sonhos e buscas mais centrais e importantes da vida, coloca mudanças que afetam o presente e o futuro, como atrasos na realização dos propósitos, práticas desviantes de conduta, atos de desfrute momentâneo de viver, dentre outras. As dificuldades e os desafios postos pelas sociedades de destino, bem como as de origem, se constituem motivos para adiar a vivência plena a longo prazo em outro lugar. Em geral, o migrante está e não está no lugar, vivendo conforme a precariedade de suas condições de vida no lugar de destino, ao mesmo tempo focalizando seus objetivos de “felicidade” e realização dos sonhos em outro lugar idealizado. Ao estar neste último lugar e necessitar retornar ao anterior, repete-se o mesmo processo e assim sucessivamente.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, **Entrevista exclusiva. fronteiras do pensamento**. São Paulo: CPFL, 2011
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. P. 241
- BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**, 5ª.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede: a era da informação**. Economia, Sociedade e Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- DEZEM, R. **Matizes do Amarelo**. São Paulo: Humanitas, 2005.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de Consumo e Pós-modernismo**. Trad de J.A. Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- HANDA, T. **Memórias de um imigrante japonês no Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1980.
- HINATA, N. **Além das Palavras**. Japão: Associação Internacional de Intercambio Cultural. 1995
- ISHIKAWA, E.A. A Identidade Étnica dos Jovens Brasileiros no Japão. **Estudos Japoneses**, no. 36, p.29-42, 2016
- KAWAMURA, L. **Para onde vão os Brasileiros?** 2ª. ed. Campinas: Unicamp, 2003 a.
- \_\_\_\_\_. “Redes Sociales y Culturales de Migrantes Brasileños en la Ruta Brasil-Japón: Movimiento y Permanencia” in: YAMADA, M. ( org.). **Comparación Interregional entre America del Norte, Europa y Japón**. Osaka, Japão, The Japan Center of Area Studies (JCAS) M/ National Museum of Ethnology, pp.407-420, 2003b.
- \_\_\_\_\_. “Encontros e Desencontros Culturais Culturais na Migração Internacional: Brasil-Japão”. In. TEIXEIRA, P. E; BRAGA, A.M.C.; BAENINGER, R. (orgs). **Migrações: Implicações Passadas, Presentes e Futuras**. Marília/São Paulo: Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2012, pp 347-365.
- \_\_\_\_\_. “Desenhos Animados (Mangá)”. In: HARADA, K. (coord). **Intercâmbio Cultural Brasil-Japão**.São Paulo: Cadaris Comunicação/SBCJ, 2016, pp195-218.
- \_\_\_\_\_. “Identidades e Transitoriedade na Migração de Brasileiros para o Japão”. In. BÓGUS, L.; BAENINGER, R. (Orgs.) **A nova face da emigração internacional no Brasil**. São Paulo: EDUC, 2018. pp.159-176

- KITAGAWA, T. **Relatório de Pesquisa sobre os Trabalhadores Estrangeiros em Hamamatsu** (Brasileiros e Peruanos). Tóquio: Tokyo University, 1993. Mimeografado.
- KOMAI, H. **Migrant workers in Japan**. Londres/New York: Kegan Paul International, 1995.
- LEMOS, M. T. B.; BARROS, J. F. P. **Memória, representações e reações interculturais na América Latina**. Rio de Janeiro: Uerj/Nuseg/Intercon, 1998.
- LUYTEN, S. B. **Cultura pop japonesa**. São Paulo: Hedra, 2005.
- MATTELART, A. **Comunicação mundo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MITA, C. B. **Uma comunidade étnica no Brasil**. São Paulo: Humanitas/USP, 1999.
- SATO, C. A. **Japop – o poder da cultura pop japonesa**. São Paulo: NSP- Hakkosha, 2007.
- SAYAD, A. **A ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- \_\_\_\_\_. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Revista Travessia**, CEM, ano XIII, Nº Especial, jan/2000, pp.3-32.
- TAKEUCHI, M.Y. **O perigo amarelo em tempos de guerra: 1939-1945**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2002. Coleção Inventário DEOPS, Módulo III, Japoneses.
- YOKOYAMA, T. et al. **“Samba no Machi Kara”**. Gunma: Oizumi, 1997. (Japão)

## RESUMO

Neste texto analisaremos sobre como os migrantes no Japão compreendem um importante segmento *Nikkei* criado no Brasil, a partir do início dos anos 1990, com uma experiência cultural “sui generis”. Nos 40 anos de experiência na sociedade japonesa, crescente parcela dos migrantes internalizou novos aspectos culturais ao enfrentar os desafios de convivência compulsória com o entorno totalmente diferente da sua bagagem cultural. Desenvolveram seus próprios costumes, pensamentos e sentimentos, formando núcleos de vivência parcialmente integrados, mas não assimilados pela sociedade local. A imersão, mesmo precária, do migrante brasileiro e outros latino-americanos no moderno contexto cultural do Japão, traz novos aspectos culturais decorrentes da construção de nova maneira de viver naquele país. As novas formas culturais criadas vinculam-se a (re)construção da identidade, nem japonesa, nem brasileira, nem peruana ou outra nacionalidade latino-americana, com uma convivência contraditória com a sociedade local. Os migrantes adaptaram as festividades populares, a culinária, as artes (samba, danças, carnaval, festas juninas e outras), o esporte - praticados no Brasil - em sua vivência no Japão, com toques culturais nipônicos, constituindo-se hoje em atração turística para turistas japoneses e estrangeiros. Por mais que haja uma integração, dificilmente ocorre a assimilação em vista da vivência contraditória entre, pelo menos, as culturas da sociedade de origem e de destino.

**Palavras-chave:** identidade; japoneses; cultura; integração; estratégias

## ABSTRACT

In this text we will analyze how the migrants in Japan understand an important Nikkei segment created in Brazil, from the beginning of the 1990s, with a cultural experience “sui generis”. In the 40 years of experience in Japanese society, a growing parcel of migrants has internalized new cultural aspects in facing the challenges of compulsory coexistence with the environment totally different from their cultural baggage. They developed their own customs, thoughts and feelings, forming living nuclei partially integrated but not assimilated by local society. The immersion, even precarious, of the Brazilian migrant and other Latin Americans in the modern cultural context of Japan, brings new cultural aspects resulting from the construction of new way of living in that country. The new cultural forms created are linked to (re) construction of identity, neither Japanese, nor Brazilian, nor Peruvian or other Latin American nationality, with a contradictory coexistence with the local society. The migrants adapted the popular festivities, cooking, the arts (samba, dances, carnival, festivities and others), the sport - practiced in Brazil - in their experience in Japan, with nippon cultural touches, being today a tourist attraction for Japanese and foreign tourists. Although there is an integration, assimilation hardly takes place in view of the contradictory experience between at least the cultures of the society of origin and destination.

**Keywords:** identity; Japanese; culture; integration; strategies